

## **IDEOLOGIA: UM CONCEITO SOCIOLÓGICO NO ÂMBITO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS**

*Alexandre Luis Ponce Martins*

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá

[poncemartins@hotmail.com](mailto:poncemartins@hotmail.com)

*Henrique Manoel da Silva*

Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá

[h-manoel@uol.com.br](mailto:h-manoel@uol.com.br)

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise teórica quanto à ideologia e suas possibilidades dentro da Geografia, faz-se necessário tal abordagem para se viabilizar a relevância do termo no âmbito da ciência geográfica. A Geografia por ser, genericamente, a área científica que trata dos estudos que inter-relacionam a ação humana com a Terra, a princípio, não teria condição de utilizar aquele conceito, visto que a ideologia é associada, por autores diversos, a considerações que tangem o mundo das ideias, não o espaço geográfico, objeto de estudo e essência da Geografia. Contudo, buscar-se-á neste trabalho identificar influências ideológicas que se materializam no espaço geográfico, desmistificando, desta forma, tal ponto de vista. Como metodologia de análise, adotou-se a perspectiva crítica dialética e como metodologia de investigação, utilizou-se leituras teóricas secundárias que abordam o conceito de ideologia e, em um menor grau de aprofundamento, referências que tratam do espaço geográfico. A partir da inter-relação conceitual proposta, verificou-se que vários teóricos já trataram da ideologia por meio de suas consequências materiais, e consequentemente geográficas, contudo ela é pouco utilizada como ferramenta de estudo na Geografia.

**Palavras-Chave:** Geografia; Espaço Geográfico; Perspectiva Ideológica

## **IDEOLOGY: A SOCIOLOGICAL CONCEPT IN GEOGRAPHICAL STUDIES**

**ABSTRACT:** This article aims to carry out a theoretical analysis of the ideology and its possibilities within Geography, it is necessary to approach the relevance of the term within the scope of geographic science. Geography, since it is generally the scientific area that deals with studies that interrelate human action with the Earth, would not, in principle, be able to use that

concept, since ideology is associated, by different authors, with considerations the world of ideas, not geographic space, object of study and essence of Geography. However, this work will seek to identify ideological influences that materialize in the geographic space, thus demystifying such a point of view. As a methodology of analysis, we adopted the dialectical critical perspective and as a research methodology, we used secondary theoretical readings that approach the concept of ideology and, to a lesser degree of depth, references that deal with geographic space. From the proposed conceptual interrelationship, it was found that several theorists have dealt with ideology through its material and consequently geographical consequences, but it is little used as a study tool in Geography.

**Keywords:** Geography; Geographic space; Ideological Perspective

## INTRODUÇÃO

Para o entendimento do que possa vir a ser uma inter-relação da Geografia com um conceito sociológico, torna-se necessário o aprofundamento da ideologia, objeto de estudo deste artigo. Tal ação traz a luz pontos de convergência e dissenso no conjunto de significados que o termo possui inserido no meio social de âmbito comum e científico. Para este estudo é significativo se identificar os movimentos de apoio político de uma população, o que pode ser estabelecido por determinado seguimento ideológico. Tais direcionamentos legitimam ações de gestão pública e privada que podem definir a construção de determinado espaço geográfico.

De um modo simplista, a temática tem como convergência o fato do conceito considerar o estudo das ideias. Estas, por sua vez, fazem parte de uma concepção subjetiva dos indivíduos, elas não são conscientes aos sentidos e interpretá-las de um modo raso não contribuirá com os objetivos deste trabalho, assim será realizado um aprofundamento teórico com autores que estudaram a temática para se chegar a uma síntese conjunta quanto ideologia.

Autores diversos estudaram a ideologia e deram vieses diferentes ao conceito, este apresenta significados terminológicos distintos a partir de, também, diferentes leituras vindas de pesquisadores de diversas áreas das ciências humanas. Tais distinções podem ser explicadas por meio de contextos históricos, visões de mundo e até mesmo uma certa imaturidade quanto ao desenvolvimento da própria ciência. Desta forma este artigo utilizou como metodologia de análise a perspectiva crítica dialética, uma vez que se faz necessário um resgate histórico quanto ao que foi materializado cientificamente quanto ao conceito, a análise dialética deste se faz com

diferentes visões quanto ao entendimento da ideologia. Estes podem ser inseridos formas ideias e matérias de interpretação do termo. Utilizou-se leituras teóricas secundárias que abordam o conceito de ideologia e, em um menor grau de aprofundamento, referências que tratam do espaço geográfico, como metodologia de investigação. Tais leituras trouxeram subsídios significativos para a aplicação do método dialético.

Este artigo foi estruturado em duas partes além desta introdução, primeiramente foi realizado um aprofundamento quanto ao conceito de ideologia, a partir de suas concepções históricas iniciais no meio científico dentro do século XIX e seu amadurecimento no decorrer do século XX. Em um segundo momento, foi tratado do espaço geográfico enquanto conceito e suas relações com as influencias ideológicas em questão.

## **1 UM APROFUNDAMENTO QUANTO AO CONCEITO DE IDEOLOGIA**

Este recorte tem como objetivo identificar as concepções de ideologia que vão tomar diferentes posicionamento a partir do decorrer histórico dos últimos dois séculos. Desta forma, a priori será abordado as primeiras aparições do termo ideologia no meio científico, tal fato se traduz nos primeiros anos do século XIX, na França com o filósofo DeStutt de Tracy, sendo este, portanto, o ponto de partida. O avançar deste século traz significativa maturidade para as ciências humanas, principalmente na sociologia, de modo que, os escritos marxianos se dão neste período. Além da visão de mundo de Marx, no que tange as questões ideológicas, será abordado também, ainda que brevemente, algumas disposições de Durkheim, Comte e Hegel.

A posteriori tratar-se-á da evolução do conceito de ideologia a partir do século XX, principalmente a partir da concepção de autores marxistas que vão dar um tratamento distinto à temática. O que vai, de certa forma, mudar o significado do conceito, ao qual genericamente será dotado de uma perspectiva material e não necessariamente ilusória.

## 1.1 GÊNESE DA IDEOLOGIA NO MEIO CIENTÍFICO E SUA EVOLUÇÃO NO SÉCULO XIX

Primeiramente, torna-se necessário buscar historicamente os primeiros que trabalharam com a ideologia sob um ponto de vista científico, Chauí (2004) e Lowy (2015) o fizeram e trazem convergência quanto às suas considerações. Neste sentido, ambos determinam que a ideologia, enquanto objeto de estudos científicos, foi fundamentada de maneira aprofundada a partir do século XIX, tendo o primeiro trabalho datado exatamente de 1801 com o DeStutt de Tracy, um filósofo francês que procurava construir uma ciência que explicasse a origem das ideias, ele as entendia como efeitos naturais do meio ambiente, assim as vontades, memórias, razão e percepção, estariam relacionados às relações de cada indivíduo com seu ambiente de vida, o que, em conjunto, criaria ideologias de cada indivíduo.

Chauí (2004) não se aprofunda no sentido de ideologia constituído por de DeStutt Tracy, mas Lowy (2015) vai além e identifica uma primeira concepção que ficou associada ao senso comum determinado ainda no primeiro quartel do século XIX. Como já retratado, o filósofo francês fazia uma associação do orgânico com os demais elementos naturais, sendo esta relação a origem do que ele chamava de ideologia. Sob este ponto de vista é possível se apreender que a sua visão de ideologia se encaixava em um paradigma material no que tange à constituição do próprio conceito. O contexto histórico da época, entretanto, colocou DeStutt de Tracy no caminho de Napoleão Bonaparte, imperador da França e, portanto, influente na sociedade de então, ambos entram em conflito e o último ataca o primeiro e seus pares, de modo a trata-los como ideólogos. Tal fato determina uma descrença em seu discurso, já que sua concepção de ideologia ficou pareada a um sentido de abstração especulativa.

A ideologia se tornou naquele período, a partir mais da influência napoleônica, uma espécie de sinônimo de idealização, isto é, uma palavra associada às aspirações subjetivas ou mesmo metafísicas dos indivíduos. Até mesmo Marx e Engels (2007) em *A Ideologia Alemã*, conforme Lowy (2015) tratam o termo como tal, a obra é, desta forma, influenciada por esse ponto de vista, já que os autores criam uma visão de ideologia associada a uma espécie de ilusão, outros autores identificam este entendimento por parte de Marx e Engels quanto à ideologia, como será abordado posteriormente.

Seguindo a linha histórica do conceito, Augusto Comte, conforme ainda Chauí (2004), apresentou sua concepção de ideologia por meio da transformação do espírito humano, para o autor existem três fases neste contexto; a teológica, a metafísica e a positiva, cada uma destas fases seriam referendadas por um conjunto de ideias que explicariam aos seres humanos os fenômenos da natureza, a primeira fase por meio de ações divinas, a segunda a partir de princípios gerais e abstratos e a terceira com a explicações científicas somente. Sobre a perspectiva de Comte, Chauí (2004, p. 11) escreve: “nessa medida, ideologia é sinônimo de teoria, esta sendo entendida como a organização sistemática de todos os conhecimentos científicos, indo desde a formação das idéias mais gerais, na matemática, até as menos gerais, na sociologia, e as mais particulares, na moral.”, para os positivistas a ideologia seria sinônimo da própria teoria, sendo a criação de ideias resultado de uma metodologia científica e positiva.

Emile Durkheim também abordou ideologia em seus estudos, o autor a entende como resquícios de ideias antigas pré-científicas dotadas de subjetividades e particularidades que prejudicam o entendimento do objeto ao qual se faz determinado estudo. Para ele, o pesquisador, carregado de questões ideológicas prévias, tende a corromper suas análises com questões de menor relevância, trazidas por seus pré-conceitos. Seria necessário isolar o objeto para comparação a partir de suas características externas, observa-se que esta última interpretação recai em uma forma de interpretação ou análise funcional, isto é, ignora a história e a essência dos objetos de estudo. (CHAUÍ, 2004).

Segundo Chauí (2004) Marx e Engels fazem um resgate do idealismo de Hegel para solidificar o materialismo histórico dialético. Da crítica ao idealismo hegeliano, baseado na contradição do Espírito, aqueles autores escrevem juntos *A Ideologia Alemã* entre 1845 e 1846. A obra faz uma crítica ao pensamento de filósofos alemães e destaca seu respectivo atraso em relação a pensadores ingleses e franceses justamente pelo fato de não sair do idealismo para o concreto, o que se torna primordial para uma forma de pensamento materialista. Neste sentido:

Sabemos que Marx dirige duas críticas principais aos ideólogos alemães (Feuerbach, F. Strauss, Max Stirner, Bruno Bauer entre os principais). A primeira é a de que esses filósofos tiveram a pretensão de demolir o sistema hegeliano imaginando que bastaria criticar apenas um aspecto da filosofia de Hegel, em lugar de abarcá-la como um todo. Com isto, os chamados críticos hegelianos apenas substituíram a dialética hegeliana por uma fraseologia sem

sentido e sem consistência (com exceção de Feuerbach, respeitado por Marx, apesar das críticas que lhe faz). A segunda crítica é a de que cada um desses ideólogos tomou um aspecto da realidade humana, converteu esse aspecto numa idéia universal e passou a deduzir todo o real desse aspecto idealizado. Com isto, os ideólogos alemães, além de fazerem o que todo ideólogo faz (isto é, deduzir o real das idéias desse real), ainda imaginaram estar criticando Hegel e a realidade alemã simplesmente por terem escolhido novas idéias que, como demonstrará Marx, não criticam coisa alguma, ignoram a filosofia hegeliana e, sobretudo, ignoram a realidade histórica alemã. (CHAUÍ, p. 35, 2008)

Para sua concepção de ideologia, Marx e Engels (2007) utilizam os poucos estudos prévios aos quais tinham quanto à temática para consolidar análises relativas às lutas de classes. Eles repreendem o modo como alguns pensadores alemães tentavam discordar do idealismo hegeliano, ao qual Marx administra críticas com o porém de manter algumas concepções, a exemplo da própria dialética de Hegel. Portanto, os filósofos alemães idealizavam novos paradigmas a partir de lógicas dedutivas, o que de fato não servia para a concepção social a ser construída posteriormente pelos autores (MARX e ENGELS, 2007), estes, por sua vez, mantiveram partes da concepção hegeliana (CHAUÍ, 2008), as quais se pode citar a dialética e três diferentes dualidades, o abstrato e concreto, o imediato e mediato e o aparecer e ser.

Para se aprofundar de maneira mais concisa nas interpelações de Marx e Engels (2007) no que tange a ideologia, faz-se necessário tratar, mesmo que brevemente, do que se tratava o idealismo hegeliano. Neste sentido, Chauí (2004), sintetizou de forma didática a obra do autor, estabelecendo os pontos chave que identificam a dialética hegeliana. O autor constitui elementos de contradição de cunho histórico mediados pelo Espírito, o qual existe dentro de cada ser humano e se exterioriza mediado pelas próprias ações humanas. Desta forma:

Da concepção hegeliana, Marx conserva o conceito de dialética como movimento interno de produção da realidade cujo motor é a contradição. Porém Marx demonstra que a contradição não é a do Espírito consigo mesmo, entre sua face subjetiva e sua face objetiva, entre sua exteriorização em obras e sua interiorização em idéias: a contradição se estabelece entre homens reais em condições históricas e sociais reais e se chama luta de classes. (CHAUÍ, 2004, p. 47)

E ainda, diretamente de *A Ideologia Alemã*:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época. (MARX e ENGELS, 2007, p. 47)

Ao discorrerem quanto à dialética e ideologia, Marx e Engels (2007), inserem o segundo termo como o resultado da separação do trabalho material e espiritual, desta forma as ideias nascem a partir desta divisão, pois é neste momento que a consciência vai obter a sua emancipação e estará em plenas condições de sair da alienação, que nada mais é, para os autores, o estado inicial da própria consciência. Contudo, enquanto não o fazem o sentido de ideologia é entendido como ideias falsas, assim:

Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [bewusste Sein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico. (MARX e ENGELS, 2007, p. 94)

Os autores relacionam o estado de consciência dos indivíduos proletários à interferência da classe burguesa, esta influencia as classes proletárias, em diversos âmbitos, desde os valores

materiais até os espirituais. Para difundir tais ideias, aproveitam-se do controle existente sobre as instituições sociais, as quais se pode citar as igrejas, as escolas, as mídias, entre outros setores. Assim, as ideias de uma determinada classe tende a monopolizar a sociedade ao qual está inserida, tal fato manteria o operariado em estado de alienação. Chauí, (2004 p. 26), escreve sobre os pontos de vista de Marx e Engels (2007):

Nasce agora a ideologia propriamente dita, isto é, o sistema ordenado de idéias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideólogos, os intelectuais – não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação através de suas idéias. Ou seja: as idéias aparecem como produzidas somente pelo pensamento, porque os seus pensadores estão distanciados da produção material. Assim, em lugar de aparecer que os pensadores estão distanciados do mundo material e por isso suas idéias revelam tal separação, o que aparece é que as idéias é que estilo separado do mundo e o explicam. As idéias não aparecem como produtos do pensamento de homens determinados – aqueles que estão fora da produção material direta – mas como entidades autônomas descobertas por tais homens.

As ideias, conforme a autora, são representações descobertas por determinados grupos sociais que estão fora dos meios de produção, tal situação expõe as contradições do mundo real em contraposição com a constituição das ideias. A descoberta das ideias por um determinado grupo, geralmente as elites, só lhes é um privilégio em razão das relações de produção, que são desiguais e separam os indivíduos em classes sociais, há aquela que pode se dedicar a abstrair suas ideias, e outra que deve se dedicar à produção. Estes últimos são levados a crer que a circunstância é natural e aceitam passivamente a ideologia vigente. A situação em questão é referendada pela burguesia, desta forma, é contraditória pois exclui os verdadeiros produtores de capital, isto é, o proletário.

A partir de autores marxianos e marxistas, a concepção de ideologia de Marx fica recorrentemente associada um significado de subjetividade, ideias falsas ou ainda um sentido pejorativo. Desta forma, as ideias estão diretamente ligadas à alienação das classes dominadas, estas por não adquirirem a consciência de classe, sem mantém subjugadas pelas classes hegemônicas, que mantém suas ideologias como uma pseudoverdade, este ponto de vista é destacado por Boudon (1989, p.26):

As ideologias aparecem aqui como ideias falsas - estão de cabeça para baixo – que o comércio material inspira aos homens, necessariamente. Por exemplo: o capitalista considera o lucro como remuneração natural do capital. O proletário tem igualmente tendência a perceber seu salário como normal. Nem um, nem outro veem claramente a verdade que Marx pensa ter sublinhado no *Capital*, a saber, que o lucro exprime a mais-valia produzida pela exploração do operário.

Observa-se que a lógica do operário e do capitalista não convergem com a realidade, uma vez que a normalidade entendida por ambos na lógica da acumulação de mais valia e salário não se expressa como tal, pois o resultado é obtido por uma relação em forma de exploração. A visão de normalidade é uma ideia falsa, pois é resultado da alienação da classe proletária.

Marcondes Filho (1985), considerou a ideologia também sob uma perspectiva histórica e identificou também as proposições marxianas. Desta forma, colocou também o que outros autores haviam tratado quanto à questão. Neste sentido, o setor político e as lutas de classes protagonizaram as discussões, de modo que as ideologias eram interpretadas com um caráter dualista, uma ideologia proletária e uma ideologia burguesa. Desta forma:

[...] Marx dizia que a luta existente entre a classe dos trabalhadores e a classe dos proprietários era uma luta que não ocorria somente na prática, ou seja, não ocorria somente pelo confronto e agressão física, mas também como uma divisão em relação às ideias que essas classes possuíam. Isto é, se a sociedade era dividida em proletários, de um lado, e burgueses, de outro havia também na consciência dessas classes uma divisão da mesma natureza. Assim, havia um pensamento proletário, que era diferente de um pensamento burguês. (MARCONDES FILHO, p. 15, 1985)

Observa-se que Marx entendia a ideologia como as diferentes ideias de cada classe social estabelecida até então. Todavia, ressalta-se que Marx e Engels não se aprofundaram especificamente no conceito, uma vez que a evolução dos estudos de ambos se basearam no contexto material da luta de classes, e para eles, pelo menos na obra que leva a ideologia como título, elas eram apenas ilusões.

Silva (2013), corrobora com tal perspectiva ao salientar que os escritos marxianos procuraram estabelecer tal relação são ainda da juventude dos autores e situavam a ideologia como reflexo do idealismo hegeliano, o que formava uma dualidade entre a realidade de material

do operariado alemão e a ideologia construída socialmente a partir da hegemonia de uma classe burguesa dominante.

Neste contexto, a ideologia era retratada por eles como uma forma falsa, legitimada pelos proprietários para subjugar os trabalhadores que se submetiam a uma lógica contrária à sua classe. (MARCONDES FILHO, 1985)

Autores diversos vão avançar em relação ao conceito de ideologia no século XX, partindo das teorias marxistas ou não, o conceito se torna mais complexo com as interpretações diversas que se dão com os eventos significativos que vão ocorrer, como as duas guerras mundiais, a Revolução Russa e a Guerra Fria.

## 1.2 AS NOVAS INTERPRETAÇÕES DA IDEOLOGIA NO DECORRER DO SÉCULO XX

O contexto da ideologia, após os eventos que ocorreram no século XX, não podem ser entendidos somente pelo que se considerou no século anterior, o entendimento do conceito começa a ser interpretado com outros olhares já partir da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa.

Neste sentido temos o conceito sendo revisitado por Lenin, segundo Lowy (2015) ele considera a concepção de duas ideologias também, assim como Marx e Engels (2007), uma operária e outra burguesa, contudo sem o contexto pejorativo associando a terminologia a ideias falsas ou subjetivas, e sim como uma compreensão material da realidade.

A primeira obra a tentar sob o ponto de vista social a abordar a ideologia sob uma ótica científica parte Karl Manhein (1986), o autor procura estabelecer uma divisão entre as terminologias de utopia e ideologia. Segundo o autor tal distinção se faz necessária uma vez que ambos os termos se configuram como conjuntos de ideias, o qual, contudo, expressam objetivos diferentes. A ideologia seria sedimentada pelas aspirações em direção à manutenção de uma estrutura social já vigente e a utopia seria um caminho para uma nova realidade social ainda não existente, sendo esta última portanto uma perspectiva revolucionária.

O autor estabelece duas formas de ideologia sob sua perspectiva, a total e a particular. A primeira se encarrega de abordar aspectos gerais de uma determinada visão de mundo e a

particular pontos de vista individuais, os quais tinham como objetivo desqualificar opiniões opostas do indivíduo em questão. Assim, Manhein (1986, p. 81) escreve que:

A concepção particular de ideologia é implicada quando o termo denota estarmos céticos das ideias e representações apresentadas por nosso opositor. Estas são encaradas como disfarce mais ou menos conscientes da real natureza de uma situação cujo reconhecimento não estaria de acordo com seus interesses. Essas distorções variam numa escala que vai desde mentiras conscientes até os disfarces semiconscientes e dissimulados.

O autor complementa mais a frente:

Com a concepção total da ideologia a questão é diferente. Quando a uma época histórica atribuímos um mundo intelectual e a nós mesmos atribuímos outro, ou quando certo estrato social, historicamente determinado, pensa com categorias diferentes das nossas, não nos estamos referindo a casos isolados de conteúdo de pensamento, mas a modos de experiência e interpretação amplamente diferentes e a sistemas de pensamentos amplamente divergentes. (MANHEIN, 1986, p. 83)

A interpretação de ideologia era determinada por uma dicotomia ao qual se tinha uma visão psicologia própria de cada indivíduo em sua vida cotidiana e uma ideologia macroestrutural que estabelece grandes influências em massa. Neste contexto, Manhein (1986, p. 216) complementa que “Um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre.”, o que reforça uma concepção de mudança social.

Sobre o entendimento de ideologia de Manhein, Lowy (2015) considera adequado outra terminologia para o que aquele autor, uma vez que tanto a ideologia quanto a utopia são também conceitos, não formas antagônicas de distinguir determinado fenômeno social, desta forma tratou a dicotomia de Manhein como visões de mundo.

Sob outro viés, Althusser (1974) aborda a ideologia, a priori, a partir das concepções de Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*, assim como outros autores já aqui destacados, identificou junto a interpretação destes uma perspectiva que remetia a ideologia como pura ilusão ou sonhos. A partir de tais adjetivos se entende por este olhar que ideologia não tem história, uma vez que para eles a história é produto concreto dos seres humanos. A partir deste ponto, Althusser (1974)

avança ao concordar com uma dimensão não histórica da ideologia, uma vez que a entende como uma estrutura que sempre esteve junto à história, desta maneira:

Este sentido é positivo, se é verdade que é próprio da ideologia o ser dotada de uma estrutura e de um funcionamento tais, que fazem dela uma realidade não histórica, isto é, omni-histórica, no sentido em que esta estrutura e este funcionamento estão, sob uma mesma forma, imutável, presentes naquilo a que se chama a história inteira, no sentido em que o *Manifesto* define a história como a história da luta de classes, isto é, história das sociedades de classes. (ALTHUSSER, 1974, p. 74 e 75, grifos do autor)

Ao colocar que a ideologia não possui história, Althusser (1974) expressa que tal conjunto de ideias sempre existiu junto à espécie humana, sendo, de uma certa forma, imutável ou eterna no sentido de acompanhar a história por estar sempre presente, daí a expressão omni-histórica, o que seria uma ideologia geral. As diferentes ideologias sim teriam uma história, pois tomariam formas específicas no contexto das lutas sociais. O autor exemplifica tal perspectiva a partir da teoria do inconsciente de Freud, ao qual estabelece aquele como eterno, pois todo ser humano teria, para este autor, seu sujeito inconsciente, assim como uma ideologia geral sempre esteve presente na história humana.

Esta perspectiva de ideologia geral, não histórica, se difere da posição de Marx e Engels (2007), já que para Althusser (1974) existe, além de uma perspectiva negativa, assim como para aqueles, há também uma perspectiva positiva, ao qual diferentes ideologias se convergem no plano material. Nesta interpretação o que abrange a dimensão imaginária é tratado por Althusser (1974) como negativo, o que teria sido determinado por exemplo em *A Ideologia Alemã* na visão de ideologia como sonho, ideia falsa, entre outros adjetivos.

A perspectiva negativa de Althusser (1974, p. 77) se revela quando o autor escreve que “A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência.”, esta seria a ideologia geral, eterna, imutável e não histórica em sua concepção pois é onipresente nas relações sociais humanas, sendo, portanto, natural à vida social.

A perspectiva positiva do autor se refere à uma possibilidade material das ideologias, estas são denominadas regionais, pois são diversas. Estas são partes de um todo, uma ideologia dominante que se reproduz por meio dos:

[...] dos aparelhos ideológicos de Estado e das práticas destes, que cada um deles era a realização de uma ideologia (sendo a unidade destas diferentes ideologias regionais - religiosa, moral, jurídica, política, estética, etc. - assegurada pela sua subsunção à ideologia dominante). Retomamos esta tese: uma ideologia existe, sempre num aparelho, e na sua prática ou suas práticas. Esta existência é material. (ALTHUSSER, 1974, p. 84)

As ideologias regionais as quais o autor citou são partes de uma ideologia hegemônica que se mantém vigente graças ao que Althusser (1974) denominou aparelhos ideológicos do Estado (AIE), estes são determinantes enquanto condicionante de comportamentos sociais, uma vez que são representados por instituições que administram uma ordem sem repressão física. O autor identificou oito AIEs, conforme o quadro 1.

Aparelho Ideológico	Descrição
Religioso	O sistema das diferentes igrejas.
Escolar	O sistema das diferentes escolas públicas e particulares.
Familiar	Constitui, de modo geral, aspectos morais de uma sociedade.
Jurídico	Sistema de leis de determinada sociedade.
Político	O sistema político de que faz parte diferentes partidos.
Sindical	Sistema de mediação no contexto trabalhista.
Informacional	Imprensa, radiotelevisão e na atualidade as mídias digitais.
Cultural	Letras, belas artes, desportos, entre outros.

**Quadro 1 – Aparelhos ideológicos do Estado (AIE)**

**Fonte: Althusser (1974). Adaptador pelo autor.**

Os AIEs são meios de se estabelecer uma materialidade dos pressupostos ideológicos vigentes, Althusser (1974) ressalta que não se deve interpretar tal materialidade como a existência concreta de elementos que constituem o espaço ao qual a sociedade se assenta, mas sim a partir do comportamento humano que é manifestado fisicamente a partir de tais influências. O autor (ALTHUSSER, 1974, p. 86) exemplifica tal questão da seguinte forma:

O indivíduo em questão conduz-se desta ou daquela maneira, adota este ou aquele comportamento (prático e, o que é mais, participa em certas práticas reguladas, que são as do aparelho ideológico de que «dependem» as ideias que enquanto sujeito escolheu livremente, conscientemente. Se crê em Deus, vai à Igreja para assistir à Missa, ajoelha-se, reza, confessa-se, faz penitência [...] Se crê no Dever, terá comportamentos, correspondentes, inscritos nas práticas rituais, «conformes aos bons costumes». Se crê na Justiça, submeter-se-á sem discussão às regras do Direito, e poderá até protestar quando estas são violadas, assinar petições, tomar parte numa manifestação, etc.

Com esta concepção, é notável ser observar que a ideologia pode ser interpretada também além do plano das ideias, suas delineações podem constituir em consequências materiais, uma vez que os atos humanos, influenciados por ideias, constituem-se em práticas reais. Tal materialidade justifica o uso de estudos geográficos o ponto de vista ideológico.

## **2 ESPAÇO GEOGRÁFICO E IDEOLOGIA**

Geograficamente, as infraestruturas construídas a partir de determinado ideário político têm consequências nas transformações históricas constantes presentes no espaço terrestre e alteram determinados territórios. As ideologias materializadas via AIEs, tendem a ser influenciados por partidos políticos que se alternam no poder conforme contextos eleitorais ou golpes ou revoluções. Desta forma, a ideologia, mesmo que, por vezes, subjetiva e alienada, está conexas com as transformações do espaço geográfico.

Vale ressaltar, antes de qualquer consideração crítica, o resgate histórico que faz Corrêa (2000) quanto à evolução conceitual do espaço geográfico. O autor ressalta que a princípio, o termo não era considerado chave para a Geografia Tradicional, sendo a paisagem e a região conceitos privilegiados em estudos que efetivavam comparação entre diferentes áreas. A Geografia Teórica-quantitativa apresenta o espaço pela primeira vez como um conceito relevante, sendo a região e a paisagem ferramentas secundárias, bem como o lugar e o território, a escola trata o primeiro conceito de duas formas, um sistema isotrópico e outro matricial; o primeiro é baseado em um sistema teórico espacial racional de uniformidade vegetal, climática, de relevo, demografia, renda e padrão cultural, o segundo abrange o espaço em formas

geométricas, isto é, nós, linhas, superfícies e redes. Contudo, ressalta-se que ambas análises são funcionais e não históricas, o que subtrai a essência sociológica do espaço.

Sob um pressuposto dialético, as alterações do espaço geográfico nos últimos séculos, tendem a seguir as lógicas capitalistas, e, portanto, apresentam realidades dialéticas e perversas no que tange a construção do espaço. Assim, analisar e possibilitar medidas para entender e desconstruir tais situações devem ser objetivações para se delinear planejamentos para diminuição da desigualdade socioespacial.

Salienta-se que o capitalismo, enquanto sistema político e também ideológico, tende; primeiro, a acelerar a economia em períodos de prosperidade, favorecer determinadas ideologias políticas – progressistas – e beneficiar a população em determinados momentos em função da maior disponibilidade de capital; segundo, nos períodos de crise gerar recessão social e econômica e relevar outras ideologias mais conservadoras. Ambas situações interferem nas questões sociais, econômicas e conseqüentemente produção do espaço geográfico.

O território e o espaço são conceitos chave que estabelecem as bases da ciência geográfica, as conseqüências de orientações ideológicas atingem, de maneira significativa, ambiente natural e o meio social. Neste sentido, Santos (2006) apresenta uma conceituação quanto ao espaço no âmbito da Geografia Crítica, ele escreve que o conceito é “[...] definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações[...]” (SANTOS, 2006, p. 11) e mais a frente complementa:

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. Da mesma maneira e com o mesmo ponto de partida, levanta-se a questão dos recortes espaciais, propondo debates de problemas como o da região e o do lugar, o das redes e das escalas. Paralelamente, impõem-se a realidade do meio com seus diversos conteúdos em artifício e a complementaridade entre uma tecnoesfera e uma psicoesfera. E do mesmo passo podemos propor a questão da racionalidade do espaço como conceito histórico atual e fruto, ao mesmo tempo, da emergência das redes e do processo de globalização. (SANTOS, 2006, p. 12 e 13)

Quanto a objetos, o autor refere-se a naturais e transformados pela ação humana, por meio de diversas ações, as quais destaca-se o trabalho, o território, a produção, as contradições sociais e espaciais e a relação aparência-essência. Estabelece-se como consequência da complementaridade das esferas técnica e psíquica, dos objetos e da população, respectivamente em dado momento histórico, fruto da história em escalas diversas, do lugar ao regional ligado em redes sob atual processo de globalização. Em suma, o espaço é produto das relações sociais sobre a natureza em dado momento histórico, sob diversas escalas de atuação sob influências territoriais de âmbitos locais e globais. O território se configura também neste contexto como um resultado de relações de poder, o qual se pode delinear como um aspecto ideológico do próprio espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os objetivos que este artigo buscou sedimentar estava a possibilidade de se configurar a ideologia, conceito sociológico e de apreensão muitas vezes idealista no âmbito das ciências humanas, como um conceito fundamental para se auxiliar estudos geográficos, este sendo, por sua vez, a ciência da relação humana com o espaço da Terra.

A partir das ideias iniciais dispostas quanto ao conceito, presente ainda no século XIX, se percebeu que havia uma gama de significados distintos do que se entende por ideologia a partir do século XX e na contemporaneidade do século XXI. Os autores daquele século se basearam em concepções metafísicas do mundo das ideias, o qual o próprio Marx estabelece a ideologia como um conjunto de manifestações falsas, inseridas por classes dominantes.

Os autores marxistas, a partir do século XX, passam a considerar as ideias enquanto conjunto não a partir de ideias falsas ou ilusórias, mesmo que por vezes sejam resultado de medidas alienante empreendidas por classes hegemônicas. O grande salto dentro do objetivo deste trabalho é a contribuição de Althusser, o qual estabelece os AIEs e apresenta exemplos de consequências materiais mediadas por questões ideológicas inseridas no meio social. À medida que a ideologia se materializa por meio de ações de indivíduos e em larga escala com manifestações sociais, identifica-se a relevância para a Geografia.

Neste contexto, pode-se entender, portanto, que a ideologia enquanto um conceito complexo e interpretado por uma série de autores de diversas linhas de pensamento científico, dentro de sua própria complexidade, quantidade de sentidos terminológicos e conceituais possui envergadura e legitimidade para ser utilizado como ferramenta elucidativa para as transformações presentes no espaço geográfico.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1974.
- BOUDON, Raymond. **A Ideologia**. São Paulo, SP: Ática, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito chave da Geografia**. In: Geografia Conceitos e Temas, org. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.
- LOWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista**. São Paulo, SP: Cortez, 2015.
- MANHEIN, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1986.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Ideologia**. São Paulo, SP: Global, 1991.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã : crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo, SP: Boitempo, 2007.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SILVA, Marlon Garcia. **Concepção materialista e dialética da história desde a Ideologia Alemã**. In: V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, 2013, Londrina-PR. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, 2013.

Enviado em 13/08/2018

Aceito em 17/12/2018